

**BALZAC, Honoré de. *Gobseck*. Em, *A comédia humana*. Volume III, *Estudos de costumes, Cenas da vida privada*. Tradução de Vidal de Oliveira. 1989**

Felipe Freitag  
UFMS

O que se pretende nesse trabalho é fazer um mapeamento das cinco funções complementares no modo de narrar (função comunicativa, função metanarrativa, função testemunhal, ou modalisante, função explicativa e função generalizante, ou ideológica), segundo Yves Reuter, em *Introdução à análise do romance*, tomando Honoré de Balzac como essencial para o reconhecimento de um padrão narrativo estável, na possibilidade de tais funções funcionarem como um mecanismo de leitura para o reconhecimento de temáticas gerais de narrativas.

Primeiramente, retomamos o gênero literário romance em seu nascedouro, de modo a situar suas características de forma e de conteúdo em relação e em contraponto com a tradição literária ocidental. Em um segundo momento, situamos a literatura romanesca de Balzac, sobretudo em *A comédia humana*. Por último, analisamos a narrativa *Gobseck* em termos de identificação das funções complementares do modo de narrar, de Reuter, sob o jugo da sua utilização como ferramenta de desvelamento das composições temáticas da narrativa em questão.

O romance como gênero literário surge como uma ruptura aos conceitos de tradição ocidental, na medida em que o cânone da literatura desloca-se de um padrão greco-latino dos temas e das formas para um novo parâmetro de composição, de estrutura, de linguagem e de temáticas. No que diz respeito à forma, o romance inova e rompe com a tradição clássica, uma vez que utiliza a prosa, a narrativa, como veículo de composição, enquanto que a forma clássica por excelência eram os textos em versos (mesmo que narrativos).

Na linguagem, o que se observa como ruptura é a utilização de códigos linguísticos do comércio e da burguesia, na tentativa de representação de um

espaço social ascendente (a burguesia) em contraposição à ordem aristocrática que começa a ser substituída no Ocidente, a partir do século XVIII.

As temáticas do romance, em seu processo inicial até o seu apogeu, fundamentam-se na ruptura aos conceitos artísticos, portanto, literários greco-latinos, rechaçando os elementos essenciais da arte como essência do Belo, como modelo de elevação e de dignificação dos “homens maiores e melhores que os outros”, abandonando o conceito de *aristós* (aristocratas como bons homens, em suas caracterizações moralizantes) para um conceito de representação da realidade burguesa.

De modo geral, com o século XVIII, os fundadores do romance começam a representar textualmente o que até então a arte literária ocidental, de tradição clássica (greco-latina) não valorizava, como por exemplo, a narração em primeira pessoa, a representação da vida “real” e cotidiana, a inserção de personagens dessa vida cotidiana nas tramas, a representação do homem comum na luta pela sobrevivência em contraste com o herói romanesco da tradição literária, em sua imagem ligada à honra.

Honoré de Balzac, escritor francês do século XIX, autor de *A comédia humana*, reunião de 95 romances, novelas e contos de sua obra, é considerado como o parâmetro da prosa narrativa, porque apresenta um paradigma estrutural e temático (literariedade)<sup>1</sup> do romance, na representação do mundo através do texto, portanto, organizando a narrativa em um projeto de unificação do panorama nacional, ou seja, utilizando a literatura no século XIX para representação de uma comunidade (imagem nacional mais língua).

*Gobseck*, narrativa enquadrada no terceiro volume de *A comédia humana*, é um texto construído em torno da ideia de panorama, isto é, na construção textual da observação da “realidade”. Balzac, apesar de ser um escritor romântico, tem uma visão realista, já que representa em suas obras, os aspectos inferiores da “realidade”, denunciando uma corrupção idealizante.

Em *Gobseck*, observa-se a vingança do destino contra uma das filhas do Pai Goriot (personagem de outra narrativa de *A comédia humana*), num desvelamento dos costumes de uma época, na denúncia da decadência da sociedade parisiense, bem como, nas explicações deterministas para as posturas de certas personagens. A figura do usurário *Gobseck*, que dá título à narrativa, é o fio condutor da trama, uma vez que todas as linhas de enredo convergem para a trama envolvendo tal personagem, como se de alguma maneira, o usurário

---

<sup>1</sup> O conceito de literariedade diz respeito aos aspectos estéticos (de estilo e de forma) do discurso literário, ou seja, são os traços peculiares de um fenômeno linguístico que apresenta um objeto estético e um objeto discursivo ao mesmo tempo. Sob esse ponto de vista, a literariedade funda-se, sobremaneira, no uso conotativo e/ou figurativo da língua e na articulação e desarticulação dos significantes do sistema da língua para representar o mundo. (FILHO, 1986).

fosse o porta-voz em uma denúncia para a sordidez humana e para a perda da formação humanística.

A narrativa em questão constrói-se a partir de três narradores entrecruzados. Um narrador geral fundido aos narradores Gobseck e Derville, os quais perspectivam/focalizam a narração, não somente como narradores, mas como personagens na exposição da trama de suas próprias histórias de vida. Como afirma Yves Reuter, “o narrador aparecerá mais, ou menos, na narração” (REUTER, 1995, p. 68), isto é, o narrador intervém claramente e diretamente na narrativa, funcionando como narração e evocação do mundo, como controle e organização do discurso.

Na página 479, o narrador geral utiliza a função testemunhal, ou modalisante para avaliar, para fazer um julgamento do ator/personagem Derville, através de um comentário sucinto, apresentando uma súmula do caráter desse, autorizando-o a assumir o foco narrativo posterior e à veracidade da história que contará: “Homem de grande probidade, sábio, modesto e de boa companhia, o solicitador tornou-se então amigo da família. [...] *Derville não tinha alma de solicitador* (grifo nosso).”

Na página 480, o narrador geral, heterodiegético<sup>2</sup>, pleno, utiliza a função generalizante, ou ideológica, propondo um julgamento moralizante sobre o mundo, a sociedade, os homens, por meio de um aforismo particular que se torna universal. Através do exemplo da personagem Camila, o narrador apresenta um aforismo, ou um código cultural:

Desde esse dia, Camila cercou o solicitador de atenções particulares, ao perceber que ele aprovava sua inclinação pelo jovem Conde Ernesto de Restaud. Até então, embora não ignorasse nenhuma das obrigações de sua família para com Derville, ela tivera por ele mais consideração do que verdadeiramente amizade, mais polidez do que afeição; suas maneiras, tanto quanto o tom de sua voz, faziam-lhe sentir a distância que a etiqueta estabelecia entre ambos. *A gratidão é uma dívida que os filhos nem sempre aceitam no inventário* (grifo nosso).

Na mesma página, Derville como narrador, ao descrever o quarto de Gobseck, utiliza a função generalizante ou ideológica para fazer um julgamento cultural quanto à figura estereotipada das solteironas numa comparação ao ambiente do quarto: “Tudo era limpo e roçado no seu quarto, que lembrava, desde o pano verdade da secretária, até o tapete da cama, *o frio santuário dessas solteironas que passam o dia a esfregar os móveis* (grifo nosso).”

---

<sup>2</sup> Conceito de Gérard Genette quanto à focalização narrativa. O narrador heterodiegético diz respeito ao narrador-personagem que não pertence à história que está narrando. (GENETTE, 1979).

Nas páginas 482 e 483, Derville como narrador, utiliza a função testemunhal, ou modalisante para avaliar o comportamento sórdido de Gobseck. O narrador, através de uma espécie de filosofia da experiência, explica a usura de Gobseck como resultado, ou consequência da vida social, cultural e econômica que o mesmo teve, em seus aspectos de formação humanística:

Sua mãe, logo que ele atingiu a idade de dez anos, embarcara-o como grumete, para as possessões holandesas, nas grandes Índias, por onde ele rolara durante vinte anos. Por isso as rugas de sua fronte amarelada guardavam segredos de horríveis acontecimentos, de terrores súbitos, de acasos inesperados, de travessias romanescas, de alegrias infinitas: fomes suportadas, amor espezinhado, fortuna comprometida, perdida, reconquistada, a vida muitas vezes em perigo, e salva talvez por essas determinações, cuja rápida urgência desculpa a crueldade (grifo nosso).

A função generalizante, ou ideológica, em forma de máximas ou de morais, ficam mais evidentes nas páginas 485 e 491, quando Gobseck assume o papel de narrador, e ao relatar suas experiências de vida, expressa conceitos, ideias e códigos culturais segundo o seu ponto de vista, tendo Derville como seu interlocutor:

A felicidade consiste, então, no exercício de nossas faculdades aplicadas às realidades. [...] Nada é fixo aqui na terra, só existem convenções que se modificam de acordo com os climas. [...] A única coisa que nos fica é o sentimento verdadeiro que a natureza pôs em nós: o instinto de conservação. Nas vossas sociedades europeias, esse instinto chama-se interesse pessoal. [...] O ouro representa todas as forças humanas.” (BALZAC, 1989, p.485).

Na página 491, Gobseck como narrador, utiliza a função generalizante, ou ideológica para representar a sociedade do século XIX em seu ideário burguês, através de aforismos: “Poder e Prazer não resumem eles toda a ordem social? [...] O ouro é o espiritualismo das vossas sociedades atuais.”

A função testemunhal, ou modalisante, em seu aspecto de relação do narrador com a história que narra, é utilizada quando Derville assume o papel de narrador, tendo a voz de Gobseck como foco narrativo, na página 488: “Aqueles bagatelas esparsas causavam-me piedade”, em que se nota o narrador exprimindo sua emoção acerca da história, ao referir-se ao sentimento de piedade causado nele pela observação do quarto da condessa.

A mesma função complementar do modo de narrar é utilizada na página 490, quando o narrador (Gobseck) faz um julgamento da Srta. Fanny a partir da sua aparência inicial: “Olheia-a. Com um único olhar, adivinhei tudo. Era uma rapariga condenada ao trabalho pela desgraça e que pertencia a alguma família de honrados granjeiros, pois tinha algumas sardas, como acontece com as

“pessoas nascidas no campo”, e ao mesmo tempo utiliza a função generalizante ou ideológica, ao criar um aforismo estereotipado sobre as pessoas a aparência física das pessoas que vivem no campo, partindo de um exemplo particular (a aparência física, as sardas da Srta Fanny) para um exemplo geral.

Não se encontrou em *Gobseck*, exemplos de função comunicativa, a qual “consiste em se dirigir ao narratário para agir sobre ele ou manter o contato.” (REUTER, 1995, p. 68), de função metanarrativa, a qual “consiste em comentar o texto e em assimilar a sua organização interna.” (REUTER, 1995, p. 69), de função explicativa, a qual “consiste em dar ao narratário elementos considerados necessários para compreender a história.” (REUTER, 1995, p. 70).

Esse trabalho destacou que a organização das funções complementares do modo de narrar (REUTER, 1995) pode possibilitar o rastreamento de uma temática geral da narrativa, isto é, diante da recorrência das funções testemunhal, ou modalisante e generalizante, ou ideológica em *Gobseck*, pode-se afirmar que a narrativa em questão se justifica na tipificação de costumes de uma sociedade, na denúncia da decadência da mesma, em face dos interesses pessoais.

Essa temática geral decorre das funções testemunhal, ou modalisante e generalizante, ou ideológica, por elas serem as funções do modo de narrar que manifestam o discurso de avaliação, julgamento e moralização do mundo, dos homens e da sociedade, justamente o que, em linhas gerais, é deflagrado em *Gobseck*.

### Bibliografia

- BALZAC, Honoré de. *Gobseck*. In: *A comédia humana. Volume III, Estudos de costumes, Cenas da vida privada*. Tradução de Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 1989.
- FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 1986.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução de Angela Bergamini. São Paulo: Martins Fontes, 1995.